



**“Questão Social, Pandemia e Serviço Social:
em defesa da vida e de uma educação emancipadora”**

Eixo temático: Classes sociais, geração e Serviço Social

Sub-eixo: Juventude

JUVENTUDES, TEMPO E QUESTÃO SOCIAL: transição para a vida adulta e questões para as políticas sociais.

CRISTIANO COSTA DE CARVALHO ¹
LEONARDO DAVID ROSA REIS ²

RESUMO: O presente trabalho problematiza aspectos relevantes que devem fazer parte do processo de escolha teórico-metodológico e ético-político para o desenvolvimento do trabalho com juventudes de forma associar aspectos como tempo, questão social e demais singularidades que fazem parte do universo juvenil.

Palavras-chave: Juventudes, Condição Juvenil, Questão Social.

ABSTRATC: The present work problematizes relevant aspects that must be part of the theoretical-methodological and ethical-political choice process for the development of work with youths in order to associate aspects such as time, social issues and other singularities that are part of the youth universe.

1 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Estadual Paulista

2 Professor com formação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo

Keyword: Youths, Youth Condition, Social Issues

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre juventudes contribuem para olhar para os (as) jovens como sujeitos, bem como, problematizar os estereótipos que costumam ser associados a essa fase da vida. Portanto, permitem compreender os diversos modos de ser jovem na atualidade. A articulação desses estudos permite, também, analisar os modos desiguais de viver a juventude, relacionados aos modos desiguais de viver experiências humanas, que marcam a vida e a leitura de mundo de jovens da classe trabalhadora.

Parece haver certo consenso entre os pesquisadores, movimentos sociais, governos e sociedade, que não podemos lançar um olhar sobre esse público considerando-o como “homogêneo” (BADARÓ, 2013; CARRANO, 2013 CORROCHANO, 2008; ABRAMO, 1997, LEÃO, 2004,). Por isso, pesquisadores/as da área têm utilizado o termo no plural - estudos sobre juventudes - para ressaltar a heterogeneidade dos modos de viver esta fase da vida, as interpretações e estudos das mais variadas dimensões que envolvem o tema, com destaque para os aspectos científicos, políticos, econômicos, culturais, antropológicos, sociológicos, biológicos e, até mesmo, cronológicos. Dessa maneira, devemos falar em juventudes. Desse modo, Leão (2004) nos adverte que “de uma maneira geral, os estudos voltados ao tema da juventude têm apontado a dificuldade de se estabelecer um consenso em torno do seu uso como categoria de análise pelos investigadores” (p.15-16).

Consideremos que a concepção de juventude, necessariamente, passa por um processo de “construção histórica e social” (LEÃO; 2004, p.23). Sendo assim, em cada sociedade as concepções e formas de tratar as juventudes apresentarão variações, considerando diferentes aspectos socioculturais, socioeconômicos, sociopolíticos e científicos, que irão interferir nas condições de vida e de acesso

destes sujeitos aos bens socialmente produzidos. Antecipo que minha preocupação, neste momento, não está adstrita a compreender as representações sociais e culturais de jovens, dos aspectos antropológicos e, nem tampouco, aproximar do debate sobre as identidades juvenis.

O debate sobre os(as) jovens e as juventudes assumiu distintas configurações e orientam diferentes noções. A definição de juventudes pelo *corte de idade* é uma maneira de se definir o universo de sujeitos que habitariam o tempo da juventude. Desse modo, enxergar os jovens, tão somente pela lente cronológica pode nos induzir a um processo de simplificação e desconsiderar um conjunto de outros fatores que contribuem para pensar as juventudes, sejam econômicos, culturais e sociais (CARRANO; 2009a, p.3).

A forma como concebemos as juventudes hoje, por ser uma “uma produção da modernidade” (LEÃO; 2004, p.20), fruto das sociedades europeias dos séculos XVI e XVII, nos ajuda a pensar sobre a separação das fases da vida por etapas “distintas – infância, adolescência, idade adulta, velhice” (LEÃO; 2004, p.21), onde as exigências colocadas para cada fase são reguladas pelos interesses econômicos e pelo estado. Os tempos da vida passam, assim, a serem condicionados às alterações operadas pelas mudanças nas estruturas e conjunturas específicas do modo de produção e socialização dos bens socialmente produzidos pelas sociedades, possibilitando diferentes acessos ao longo das etapas de suas vidas.

A ideia de que as experiências juvenis são multifacetadas e congrega “múltiplas identidades que recortam a juventude e o pertencimento a grupos sociais e culturais distintos, enfocando as diferentes formas de ser jovem em nossa sociedade” (LEÃO; 2004, p.16) nos oferece pistas de que as questões sociológicas sobre a juventude tendem a provocar diferentes debates sobre o lugar que a “questão juvenil” vem ocupando nas últimas décadas. Isso se expressa em preocupações, tendo que

os pesos específicos das estruturas e condicionamentos sociais, um dos princípios organizadores dos processos produtores das identidades contemporâneas, dizem respeito ao fato dos sujeitos selecionarem as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente (CARRANO; 2012, p. 85).

Por outro lado, o debate sobre a dimensão cultural juvenil apresenta uma

abordagem destacando-a como “relativamente autônoma, vista positivamente como símbolo de mudança social e progresso e, ao mesmo tempo, como fonte de patologias e conflitos sociais” (LEÃO; 2004, p.17). Desse modo, concordamos que “essas elaborações (culturais) assim como as formas de expressá-las (numa linguagem), são sempre híbridas, sincréticas, de fronteira” (CARRANO apud PEREGRINO; 2003; p.193).

As identidades juvenis também são temas que são pensados em diferentes perspectivas, seja “na possibilidade de construção de identidades grupais e individuais” (CARRANO apud PEREGRINO; 2003; p.193), em uma perspectiva de “que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas experiências pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais” (CARRANO; 2012, p. 85), seja como um conceito de identidade que não supõe, de forma alguma, qualquer conotação de homogeneidade; pelo contrário, reforça a heterogeneidade, a diversidade cultural e a existência de múltiplas juventudes particulares.

Não nos resta dúvidas das múltiplas expressões da condição juvenil e de concebermos as juventudes, seja de modo singular, particular, universal e de forma coletiva, considerando que os jovens de hoje vivem imersos em condições estimulantes e positivas, mas, também, negativas. As primeiras, pelos “avanços científico-tecnológicos; pelas liberdades civis conquistadas com as lutas democráticas; pelo maior campo de autonomia que possuem frente aos adultos” (CARRANO; 2008 a) e outras pela falência do

estado como promotor de direitos; a força avassaladora dos mercados na produção de necessidades e sentidos culturais; o declínio das instituições socializadoras e de apoio societário, como a família e a escola; o predomínio dos meios de comunicação e dos mercados com suas verdades e valores individualistas; as conexões perversas promovidas pelas redes do crime e das drogas; e o constante fantasma do desemprego e da falta de perspectiva profissional para uma imensa maioria (CARRANO; 2008 a).

Contudo, outras características podem ser encontradas entre as juventudes, de modo que no seu cotidiano, socializam e articulam-se coletivamente, questionando

as relações sociais institucionalmente constituídas, buscando imprimir uma marca de independência em relação às organizações formais da sociedade. Isso nos provoca a pensar no

caráter relacional da condição juvenil, relação que aglutina algumas características fundamentais, no tempo presente. Dentre elas: a orientação para o futuro; a produção de linguagens (provisórias e variáveis) com as quais se identificam e enviam sinais perante ao exterior; e as relações marcadas pela desterritorialização do espaço, produzindo-se, em contrapartida, uma espécie de nomadismo urbano dos indivíduos, em espaços específicos, e em geral por tempo relativamente breve (CARRANO *apud* PEREGRINO, 2003, p.193).

Por outro lado, Leão (2004) apresenta uma discussão sobre o tempo da juventude, que existe uma força que opera na estrutura social por meio das relações existentes entre as escalas educacionais, o trabalho e a família. Por estas razões precisamos debater a perspectiva das juventudes considerando que “o pertencimento à determinada classe social gera condições objetivas para a constituição de universos juvenis diferenciados” (CARRANO, 2009c), mesmo considerando que não podemos restringir a análise que “existem perfis unitários para os jovens ou qualquer outro grupo etário” para não incorrer em “simplificações”. Contudo, sabemos que fazer parte de uma classe ou de uma geração não é questão de escolha, e no interior de uma mesma classe social, “há uma multiplicidade de corpos jovens (homens, mulheres, brancos e pretos.) que experimentam experiências biográficas únicas”. (idem; 2009c grifo nosso) e há diferentes maneiras de vivenciar a condição juvenil.

Juventudes e transição para a vida adulta

Nesta direção, percorramos um pouco a noção em curso entre os pesquisadores da temática das juventudes; a ideia de “transição para a vida adulta” (LEÃO; 2004, CARRANO; 2009; CORROCHANO, 2004), onde infância, adolescência e juventude são entendidas como passagem para uma outra fase, a vida adulta. As diferentes

interpretações são importantes para compreendermos e identificarmos noções permeadas pelo senso comum, estereótipos e concepções que orientam as pesquisas no campo das juventudes.

Desse modo, a importância de refletirmos sobre *transição para a vida adulta* nos remete a pensar que essa noção tem sido cada vez mais questionada diante das transformações sociais mais recentes, que apontam para uma desconexão entre as idades e os papéis tradicionalmente desempenhados nas diferentes etapas da vida. (LEÃO; 2004, p.18). No entanto, considerando a perspectiva sócio histórica da ideia de juventude, analisemos a reflexão de Carrano (2009) quando afirma que

as passagens entre os tempos da infância, da adolescência, da juventude e vida adulta podem ser entendidas como «acordos societários». De certa forma, as sociedades estabelecem acordos intersubjetivos que definem o modo como o juvenil é conceituado ou representado (condição juvenil). Em algumas sociedades os rituais de passagem para a vida adulta são bem delimitados e se configuram em ritos sociais. (CARRANO; 2009, p.170).

Os principais argumentos contidos na noção de que existe uma transição da infância, da adolescência e da juventude para a vida adulta são destacados, por vezes, pela ideia de indeterminação, um momento transitório e passageiro, geralmente marcado por uma crise de identidade e de valores. (LEÃO; 2004, p.18), pela ideia das etapas de “partida da família de origem, entrada na vida profissional e formação de um casal” (LEÃO; 2004, p.19), pelo prolongamento do tempo de solteiros vivendo sós ou com amigos. (LEÃO; 2004, p.18-19); “terminar os estudos, conseguir trabalho, sair da casa dos pais, constituir moradia e família, casar e ter filhos” (CARRANO; 2009, p.170-171).

Embora o desenvolvimento dessas noções sejam importantes para se pensar o processo sócio histórico, cultural e o conjunto de valores que envolvem a concepção de transição para a vida adulta, Carrano (2008) argumenta que sobre uma certa descronologização, onde “as etapas da vida obedecem cada vez menos às normatizações e às regulações das instituições tradicionais como a família, a escola e o trabalho sem constituírem fases muito bem definidas” (p.67) e colabora com o entendimento de que nem todos os(as) jovens vivem a sua juventude como

uma situação de trânsito e preparação para as responsabilidades da vida adulta, de modo que

os jovens fazem seus trânsitos para a vida adulta no contexto de sociedades produtoras de riscos – muitos deles experimentados de forma inédita, tal como o da ameaça ambiental e do tráfico de drogas, mas também experimentam processos societários com maiores campos de possibilidades para a realização de apostas frente ao futuro (CARRANO; 2009a, p.2).

Contudo, consideramos que, embora a relação dos jovens com essas instituições tenha mudado se comparada com gerações anteriores, o trabalho e a escola permanecem como centrais nos modos de organizar a vida em sociedade e a sobrevivência das classes populares. O conjunto das necessidades humanas, colocam um conjunto de desafios e tarefas na busca por sobrevivência dos filhos da classe trabalhadora, desse modo o conjunto das desigualdades produzidas pelas condições objetivas de vida refletem imediatamente na forma como jovens se relacionam com o trabalho e com a escola.

Para Carrano (2009a), isso quer dizer, que para jovens filhos/as da classe trabalhadora as exigências da “vida adulta”, *chegam enquanto estes estão experimentando o seu período juvenil*, sendo assim, sua defesa de que “a combinação de distintas maneiras de enxergar a questão juvenil colabora para se tentar responder à pergunta sobre quando alguém deixa de ser jovem e atinge a vida adulta (CARRANO; 2009a, p.3), corrobora com a visão de Leão (2004) que

essas questões impõem a necessidade do aprofundamento em pesquisas que investiguem os diferentes modos de transição para a vida adulta vividos pelos jovens brasileiros, atentando para a sua complexidade face à diversidade de situações (LEÃO; 2004, p.28).

Percorrer as noções sobre a perspectiva de transição para a vida adulta apresentada pelos pesquisadores nos parece um exercício importante para pensar a complexidade da temática, no entanto, nas palavras de Corrochano (2008), percebemos que mesmo diante de diferentes noções, existem alguns consensos, e

o principal é que “as diferentes abordagens teóricas e metodológicas é de que as transições juvenis tornaram-se mais complexas” (CORROCHANO, 2008, p.19) e Leão (2004), também entende “que as etapas da vida têm sofrido um processo de reconfiguração em função de um conjunto de mudanças sociais, econômicas e culturais no mundo contemporâneo” (p.27), logo, podemos avançar um pouco mais no debate.

Embora os aspectos mencionados até aqui nos ajudem a refletir sobre as diferentes abordagens para entender melhor o processo de transição para a vida adulta, merece destaque alguns elementos que ajudam a pensar esse processo em relação aos jovens das classes populares, revelando aspectos que ampliam o tempo do jovem junto com suas famílias, tais como "desemprego e as incertezas em se estabelecer em uma profissão", onde podemos perceber que as

diferenças sociais, de gêneros, raciais e regionais. Para as crianças brasileiras das camadas populares, por exemplo, podemos dizer que o fenômeno da antecipação da vida ativa ocorre há muito tempo, tendo já se falado em uma infância de curta duração (LEÃO; 2004, p.27-28).

Assim, vale pensar que os processos de transição para a vida adulta de jovens das periferias urbanas possuem aspectos importantes que precisam ser observados com um olhar atento, que não crie estereótipos e estigmas, mas que proporcione um entendimento mais aproximado da realidade da qual vivem a condição juvenil. Portanto, acompanhando o raciocínio de Leão (2004), podemos perceber que "o central nesse ponto é que o modelo que organizou as etapas da vida das gerações passadas já não serve de referência para uma juventude que vive a experiência de um futuro incerto e a construir" (LEÃO; 2004, p.26), pois é conhecido o "crescimento do número de jovens que apenas estudam", a "queda daqueles que estão somente ocupados" e uma realidade de jovens que "não estudam, nem trabalham" (LEÃO; 2004, p.28).

Juventudes e questão social

Na sociedade capitalista prevalece, nas últimas décadas, a flexibilização do trabalho e exigência de maior iniciativa de trabalhadores e trabalhadoras. Os riscos de desemprego aumentam, gerando ampla massa de desocupados, onde as desigualdades ganham relevo, aprofundando “os processos crescentes de exclusão social e a súbita valorização do trabalhador, sua qualificação, sua participação e o sentido da qualidade total, da participação, da qualificação flexível, abstrata e polivalente” (FRIGOTTO, 1998, p.98).

Ainda é recente a democratização do país e, sabemos que em uma sociedade marcada pela exploração do trabalho e pela razão instrumental, tem sido difícil para o trabalhador exercer a sua capacidade e potencialidade inventiva. As sucessivas crises do sistema capitalista reiteradamente colocam um desafio para as relações de trabalho, que reverberam no plano das relações sociais, onde vivenciamos situações de subordinação das pessoas, tornando-as funcionais ao sistema pela venda de sua força de trabalho, onde depreendemos que a questão social se apresenta como “expressão das contradições inerentes ao capitalismo que, ao constituir o trabalho vivo como única fonte de valor, e, ao mesmo tempo, reduzi-lo progressivamente em decorrência da elevação da composição orgânica do capital” (BEHRING; SANTOS, 2009, p. 5)

A escala da precarização das condições de trabalho é global. No Brasil vivenciamos condições crescentes de trabalho “precarizado, instável, temporário, terceirizado, quase virtual, e dentre eles centenas de milhões têm seu cotidiano moldado pelo desemprego estrutural” (ANTUNES, 2008, p. 103).

As desigualdades que jovens das periferias brasileiras enfrentam possuem muitas faces, múltiplas expressões e múltiplos significados, de modo que as vulnerabilidades e riscos a que estão sujeitos nos ajudam a pensar que “é impossível dissociar a experiência da elaboração das identidades sem levar em conta os efeitos dramáticos que a globalização e os riscos sociais imprimem tanto ao indivíduo quanto à sociedade” (CARRANO; 2009, p.176). As experiências juvenis e

percursos de jovens pobres³ nos permite perceber os contornos do acesso e da ausência de condições objetivas para se viver a condição juvenil de forma digna diante das “inseguranças no presente e incertezas frente ao futuro” (CARRANO; 2009, p.176).

Pesquisadores da Fundação João Pinheiro (FJP) a quem se dedicou em analisar a trajetória dos jovens no mercado de trabalho mineiro com foco na precarização tem destacado as diferenças da probabilidade dos jovens (homens e mulheres) terem um trabalho precário ao longo dos últimos 30 anos.

A referida pesquisa conduzida por Souza, Marques e Campos (2021) com base no PNADs e da PNAD contínua do IBGE dos anos de 1990, 1999, 2009 e 2019 com foco e recorte nos jovens de faixa etária entre 17-24 e 25-29 anos tem buscado compreender como que em cada um desses períodos afeta a probabilidade de ter um trabalho precário e como o trabalho precário na juventude impacta a vida profissional futura.

A hipótese dos pesquisadores da FJP é que, “desempenhar uma atividade laboral precária na juventude tenha efeitos prejudiciais no futuro, ou seja, menor rendimento, maior desemprego ou trabalho informal” (SOUZA, *et all*, 2001).

Seguindo os esforços em compreender as dinâmicas das juventudes, Baptista (2008) ao analisar a complexa relação entre família, juventude no contexto e avanço do neoliberalismo identifica o crescimento compulsório do trabalho informal, em função do desemprego, do trabalho desqualificado e mal remunerado.

Essas condições segundo a pesquisadora têm gerado o crescimento do adoecimento dos jovens junto a o uso de substâncias psicoativas e os seus agravos,

3A utilização do termo “jovens pobres” está presente nos estudos sobre juventudes de CARRANO (2007, 2008, 2009a), CORROCHANO (2004), LEÃO (2004). As reflexões se aproximam considerando esses sujeitos como segmentos excluídos ou em condição de exclusão, filhos de trabalhadores, sejam urbanos ou rurais, que vivenciam situações precárias e desprotegidas. Estes autores refletem sobre a situação que vivenciam de fragilidade de acesso às condições mínimas de cidadania. São Jovens oriundos de setores populares que, por vezes, na sociedade capitalista, não são tratados como sujeitos de direitos. Sendo assim, considerando que existem diferentes concepções e interpretações sobre juventudes, utilizaremos a mesma terminologia caminhando na direção de pensar as juventudes, orientados pela noção de que são filhos da classe trabalhadora e que estão cotidianamente sujeitos a diversas manifestações da questão social, evidenciadas pela tensão entre o capital e o trabalho. São jovens que vivem, na maior parte das vezes, em condições objetivas marcadas por desigualdades sociais e econômicas e, por consequência mais distante de acesso a direitos sociais, riquezas e bens socialmente produzidos pela sociedade.

o aumento da violência de gênero e até mesmo a entrada de jovens no tráfico de drogas e de armas, continua a pesquisadora em afirmar “a contrapartida do Estado, no entanto não acompanha a gravidade destas determinações, recaindo sobre a lógica da privatização e da responsabilização dos sujeitos pelos problemas sociais” (BAPTISTA, 2008, p. 103).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas aproximações ao debate sobre juventudes, considerando os diferentes olhares sobre a condição juvenil onde “essa fase da vida”, a “transição para a vida adulta” (LEÃO; 2004, CARRANO; 2009; CORROCHANO, 2004) e as reverberações das expressões da questão social sobre suas vidas pode nos permitir os modos desiguais de viver a juventude, relacionados aos modos desiguais de viver experiências humanas, que marcam a vida e a leitura de mundo de jovens da classe trabalhadora.

Mesmo não havendo consenso entre os pesquisadores, movimentos sociais, governos e sociedade, que não podemos lançar um olhar sobre esse público considerando-o como “homogêneo” (BADARÓ, 2013; CARRANO, 2013 CORROCHANO, 2008; ABRAMO, 1997, LEÃO, 2004), nos interessa em estudos futuros aprofundar um pouco mais as reflexões sobre a defesa de que “para jovens filhos/as da classe trabalhadora as exigências da “vida adulta”, *chegam enquanto estes estão experimentando o seu período juvenil*” (CARRANO; 2009a, p.3), mesmo considerando que fazer parte de uma classe ou de uma geração não é questão de escolha, e no interior de uma mesma classe social, “há uma multiplicidade de corpos jovens (homens, mulheres, brancos e pretos.) que experimentam experiências biográficas únicas”. (idem; 2009c grifo nosso) e há diferentes maneiras de vivenciar a condição juvenil.

Quando olhamos para os desafios postos ao trabalho de assistentes sociais

junto às juventudes concordamos com (BEHRING; SANTOS, 2009, p. 8) que

só com uma atitude teórico-metodológica plena de historicidade é possível compreender, evitando os impressionismos e as perplexidades do senso comum, as demandas renovadas, complexificadas, transformadas que as expressões da questão social contemporânea colocam para a profissão.

O debate sobre as desigualdades que jovens das periferias brasileiras enfrentam possuem muitas faces, múltiplas expressões e múltiplos significados, de modo que as vulnerabilidades e riscos a que estão sujeitos nos ajudam a pensar que “inseguranças no presente e incertezas frente ao futuro” (CARRANO; 2009, p.176).

Seguindo esta lógica, identificamos mais um desafio colocado à profissão do Serviço Social, uma vez que tendo a questão social como sua matéria de trabalho está implicada de ressignificações no tratamento para com esta. Assim, a discussão ora apresentada revela o adensamento do debate entre questão social e Serviço Social e os desafios contemporâneos do trabalho profissional.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago/Dez de 1997.

Disponível em:

ABRAMOVAY, Mirian; et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas** / Miriam Abramovay. – Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? – ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 13ª ed. revista e ampliada. São Paulo. Cortez Editora, 2008.

BADARÓ, Lúbia Siqueira. **A política de Juventude e seus atores.** Tessituras. Pelotas, V.1. n.1, p.. 173-190, jul./dez 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/2545>

BAPTISTA, Tatiane Alves. Família, juventude e neoliberalismo: desafios para a ressignificação do jovem como sujeito de direitos. LIBERTAS (Juiz de Fora. Impresso), v. 3, p. 94-109, 2008.

BEHRING, Elaine Rossetti. SANTOS, Silvana Mara Morais dos. Questão social e direitos. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais:** p. 267-283; v1. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes.** Revista O Social em Questão. Revista do Departamento de Serviço Social da Puc Rio. Ano XV - nº 27 - 2012 pg. 83-100. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSocial27_Carrano1.pdf

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Identidades Culturais Juvenis e Escolas: arenas de conflitos e possibilidades.** Diversia nº1, CIDPA Valparaíso, Abril 2009, pp. 159-184. Disponível em: <http://www.cidpa.cl/wp-content/uploads/2013/05/Revista-Diversia-01.pdf>

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência.** Comunicação apresentada no II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, realizado na cidade Porto Alegre, 2009a. Disponível em: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Comunica_Carrano_luso_brasileiro_sociologia_educacao.pdf

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens não renunciaram às lutas sociais.** Entrevista especial. 25/04/2009 - 16:30 | [carrano](#) De olho na mídia. Observatório Jovem Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/os-jovens-n%C3%A3o-renunciaram-%C3%A0s-lutas-sociais>

CARRANO, Paulo. **Jovens Pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta.** Ciências Humanas e Sociais em Revista. Seropédica, RJ, EDUR, v. 30, n. 2, jul-dez., p.62-70. 2008. Disponível em: <http://www.editora.ufrj.br/revistas/humanasesociais/rch/rch30%20n2/J%2062-70.pdf>

CORROCHANO, Maria Clara. **O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo.** Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. 2008. Mimeo

FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século.** Petrópolis: Vozes, 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva.** São Paulo: Cortez, 1984.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Primeiro Trimestre de 2021. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022, disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/05/pnad-trimestral-27mai2021.pdf>

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **A gestão da pobreza juvenil: uma análise de um programa federal de inclusão social para jovens pobres** – 27ª Reunião Anual da ANPEd Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - 21 a 24 de novembro de 2004; CAXAMBU / MG; GT: Movimentos Sociais e Educação / n.03. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt03/t036.pdf>

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **Pedagogia da cidadania tutelada: lapidar corpos e mentes. Uma análise de um programa federal de inclusão para jovens pobres.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da USP - 2004a

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **Programas de inserção sócio-profissional de jovens na região metropolitana de Belo Horizonte/MG.** 27ª Reunião Anual da ANPEd Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - 7 a 11 de outubro de 2001 CAXAMBU / MG. Disponível em: <http://24reuniao.anped.org.br/P0953098616729.doc>

PEREGRINO, Mônica. CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras.** Rev. Bras. Educ. no.24 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2003. Petrópolis: Vozes, 2003, 180p. Resenha. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300014

SOUZA, Nícia Raies Moreira de; MARQUES, Denise Helena França; CAMPOS, Plínio de Souza. A precarização do trabalho dos jovens em Minas Gerais: uma análise comparativa sob a perspectiva de coortes e de gênero nos últimos 30 anos. In. 45º Encontro Nacional da ANPOCS, 2021, *online*. Anais do 45º Encontro Nacional da ANPOCS, 2021.

SOUZA, Nícia Raies Moreira de; RIANI, Juliana de Lucena Ruas. Vulnerabilidade de inserção no mercado de trabalho dos jovens moradores de favelas de Belo Horizonte. Revista Ciências Sociais Unisinos, v. 55, p. 111, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4013/csu.2019.55.1.11>

,